

Autobiografia

Como escrevo minha vida? Ou melhor, como me escrevo pela vida?

Nasci no mês de julho do ano de 1989, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha caçula de pais casados até hoje, irmã de dois meninos que viraram homens. Sobrinha e prima de muitas e muitos. Amiga de várias e de alguns. Me encantei pela lâmpada acesa nas casas solitárias no meio da mata, vista da estrada desde cedo nas viagens de carro. Estas continuam e se ampliaram para ônibus, trens, aviões, barcos e andanças. O olhar curioso permanece. A criatividade também se faz presente, desde as aulas de musicalização infantil até as poesias arriscadas a partir da adolescência. Talvez seja ela ao lado da curiosidade que me trouxeram, e me permitem permanecer, no caminho da educação superior. Superior como elevada, para poder ampliar meu campo de percepção. Superior como maior, para poder aprender conhecimentos outros. Superior como transcendente, para transitar na não materialidade dos pensamentos e sentimentos e buscar compreender o que é que nos conecta na teia vital. Tive e tenho o privilégio de estudar em Universidades encantadoras como a UnB, a UFMG e a USP, instituições que só de pensar em seus papéis sociais, nas pessoas que ali passaram e no mundo de conhecimentos disponibilizados em cada biblioteca, cada aula, cada evento me brilham os olhos e me dão gana de que tudo isso seja acessível a todas brasileiras e todos brasileiros que assim quiserem. Provavelmente esse deslumbramento pelo conhecer, juntamente com minhas bases familiares de educandas e educandos, me faça empolgar com o processo de aprendizagem em suas múltiplas formas. Processo esse relacionado à biodiversidade brasileira como problema-solução. Assim sigo, enquanto possível, nos mares dos conhecimentos sem anseios colonizadores, apenas errantes.

Acho que é a vida que se inscreve em mim.

“Navegar é preciso, viver não é preciso.” Fernando Pessoa



Dois veleiros no Grandcamp, c.1885 de Georges Seurat

Júlia Benfica Senra